

SEMIÓTICA, DELITOS E POLÍTICA: CONFRONTO ENTRE REALISTAS E NOMINALISTAS NA OBRA *O NOME DA ROSA* DE UMBERTO ECO

[SEMIOTICS, CRIMES AND POLITICS: CONFRONTATION BETWEEN REALISTS AND NOMINALISTS IN THE NOVEL *THE NAME OF THE ROSE*]

Cristiano Dias da Silva
cristiano.dias@ifsertao-pe.edu.br

Doutor em LETRAS pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), na linha de pesquisa - Texto Literário, Crítica e Cultura. Mestrado em FILOSOFIA pela Pontifícia Universidade Regina Apostolorum de Roma, Itália (UPRA). Possui licenciatura em FILOSOFIA pelo Instituto Superior de Educação de Salgueiro (ISES). Possui bacharelado em TEOLOGIA pela Pontifícia Universidade Regina Apostolorum de Roma, Itália (UPRA). Professor efetivo do Instituto Federal do Sertão Pernambucano (IFsertaoPE) - Campus Petrolina e Docente Permanente no programa PROF-FILO Mestrado Profissional em Filosofia Núcleo IFsertãoPE - Campus Zona Rural. Desenvolve pesquisas no âmbito dos estudos filosóficos e literários, em diferentes abordagens, abrangendo tanto o estudo da filosofia na representação de personagens de textos literários ou o estudo do texto literário enquanto objeto estético quanto a sua relação com outras formas de produção cultural. Trabalha as implicações filosóficas na literatura pós-moderna tendo como referência UMBERTO ECO. Dedicar-se a temas como: pós modernidade, nominalismo, semiótica e intertextualidade.

DOI: [10.25244/1984-5561.2024.6177](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2024.6177)

Recebido em: 21 de maio de 2024. Aprovado em: 13 de janeiro de 2025

Caicó, ano 17, n. 1, 2024, p. 181-199
ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/1984-5561.2024.6177](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2024.6177)
Dossiê Filosofia e Literatura



Resumo: Esta pesquisa discute os embates filosóficos entre realistas e nominalistas na representação de personagens da obra *O nome da Rosa*. Nesta abordagem reconhece-se que o personagem Guilherme de Baskerville realiza uma série de investigações semióticas na incessante tentativa de evidenciar enigmas e delitos envolvendo uma série de embates filosóficos, políticos e teológicos. Enfatiza-se ainda o confronto fé e razão ou Igreja e império onde se constrói e desconstrói uma noção de sujeito. Além do realismo e do nominalismo constata-se que outros conceitos de filósofos da modernidade e contemporaneidade entram na órbita do conflito. Dessa forma, a revisão bibliográfica tornou-se o caminho mais viável para a realização desta pesquisa. Enfim, esta discussão evidencia a passagem de uma concepção dogmática, retrógrada e conservadora representada pelo grupo dos realistas e o surgimento de um mundo renascentista confiante na ciência, na diversidade, na abertura e tolerância representado pelos nominalistas. Ilustra-se ainda a passagem de uma visão de sujeito crente em essências imutáveis para um sujeito niilista descrente nas grandes narrativas.

Palavras-chave: Nominalismo. Realismo. Semiótica.

Abstract: This research discusses the philosophical clashes between realists and nominalists in the representation of characters in the work *The Name of the Rose*. In this approach, it is recognized that the character William of Baskerville carries out a series of semiotic investigations in the incessant attempt to highlight enigmas and crimes involving a series of philosophical, political and theological clashes. The confrontation of faith and reason or Church and empire is also emphasized, where a notion of subject is constructed and deconstructed. In addition to realism and nominalism, it is clear that other concepts from modern and contemporary philosophers enter the orbit of conflict. In this way, the bibliographic review became the most viable way to carry out this research. Ultimately, this discussion highlights the transition from a dogmatic, retrogressive and conservative conception represented by the group of realists and the emergence of a Renaissance world confident in science, diversity, openness and tolerance represented by nominalists. It also illustrates the transition from a vision of a subject who believes in immutable essences to a nihilistic subject who disbelieves in grand narratives.

Keywords: Nominalism. Realism. Semiotics.

INTRODUÇÃO

Os embates filosóficos que acontecem na trama *O nome da rosa* muitas vezes liderados por Guilherme agrupa pelo menos duas grandes linhas filosóficas que estão em constante confronto: de um lado os realistas conservadores e obscurantistas formados por Abbone, Jorge, Malaquias e outro grupo, dos nominalistas mais progressistas e renovadores formado por Guilherme, Adso, Adelmo e Venâncio. Estes embates envolvem também investigações sobre misteriosas mortes, labirintos, enigmas e livros proibidos. O primeiro destes embates acontece entre Guilherme e Abbone. Ainda no primeiro dia de sua estadia na abadia por volta da hora terça, ou seja 9 da manhã, Guilherme enfrenta um fato surpreendente “assunto bastante grave [...] um dolosíssimo enigma” (ECO 2018a, p. 67-70), que é a morte de Adelmo¹ recontada por Abbone. Para Eco “[...] as investigações criminais [...] são casos de pensamento conjectural (ECO, 2015, p. 201). Porém, o embate com Abbone vai além das conjecturas surpreendentes e falsificáveis realizadas por Guilherme, mostrando a estrutura filosófica que vai perpassar todo o livro, isto é o embate realismo *versus* nominalismo.

Estas duas vertentes filosóficas estavam em constantes embates na época em que se passa a narrativa, isto é o século XIV, e delas se ramificam outras teorias filosóficas que vão abalar concepções religiosas, políticas, científicas e morais vigentes naquele século. De um lado o Abade e outros adeptos de seu grupo baseiam sua teologia e cosmologia na teoria da causalidade² de Aristóteles e Tomás de Aquino, mas também é adepto do neoplatonismo de Dionísio Areopagita e de Santo Agostinho. Para Aristóteles, “o conhecimento do mais cognoscível, e as coisas que são mais cognoscíveis são primeiros princípios e causas” (ARISTÓTELES, 2006, p. 49). Por sua vez, Tomás utiliza a física e metafísica aristotélica para embasar a teologia cristã e demonstrar as provas da existência de Deus; “não é inútil demonstrar a existência de Deus [...] afirmamos as razões com as quais Aristóteles procede para provar a existência de Deus; a partir do movimento” (AQUINO, 2015, p. 59). No entanto, a utilização que os filósofos medievais fazem da filosofia grega não é uma mera repetição e isso fica claro nos desdobramentos dos embates da trama, “inspirando-se em Aristóteles e Platão, acolhendo seus princípios, os filósofos cristãos tiram deles consequências em que nem Platão nem Aristóteles nunca haviam pensado” (GILSON, 2006a, p. 503). Alguns personagens como Jorge e Malaquias usam as teorias aristotélicas apenas por conveniência sendo de acordo em pontos cosmológicos, mas contrário aos ensinamentos da comédia. Segundo Aristóteles (2006) para todo movimento deve existir, algo que mova sem ser movido e que seja substância eterna e ato. Por fim, esta visão de mundo é confrontada pelo conhecimento individual e experimental ockhamista, pois o conhecimento claríssimo é possível apenas do individual “[...] usam-se signos de signos apenas quando nos fazem falta as coisas (ECO, 2018a, p. 65-66).

¹ Jovem monge que realizava as iluminuras nos textos. Mais adiante sua biografia estará disponível.

² Tratando-se da pesquisa das causas e dos princípios primeiros Aristóteles formulou a teoria das “quatro causas: causa formal; causa material, causa eficiente e causa final” (ARISTÓTELES, 2006, p. 49). Tomás de Aquino, por sua vez, reformula a teoria da causalidade acrescentando um aspecto teológico cristão, em uma de suas provas da existência de Deus afirma: “não é possível que algo seja causa eficiente de si mesmo [...] é necessário admitir uma causa eficiente primeira. Todos a chamam de Deus” (AQUINO, 2001, p. 112). É nesse sentido que “a filosofia dos cristãos é, e não pode deixar de não ser, outra coisa que uma continuação da filosofia grega” (GILSON, 2006, p. 512).

1 REALISMO VERSUS NOMINALISMO: EMBATE ENTRE O FRANCISCANO GUILHERME DE BASKERVILLE E O ABADE DOMINICANO ABBONE

Os embates entre os personagens especialmente este entre Guilherme e Abbone circulam dentro do ambiente da filosofia cristã. Para o abade, “o doutor de Aquino não temeu demonstrar, com a força única da razão, a existência do altíssimo, remontando de causa em causa até a causa primeira não causada” (ECO 2018a, p. 68). De fato, a primeira tentativa de Tomás de mostrar a existência de Deus é sobre o movimento “tudo que move deve ser movido por outro [...] é necessário chegar ao primeiro motor que não é movido por nenhum outro. Este, todos conhecem como deus” (AQUINO, 2001, p. 112). Abbone e seu grupo acreditam ainda em uma visão apocalíptica do mundo onde se vive “[...] dias tristíssimos, na presença constante do maligno nas coisas humanas” (ECO 2018a, p. 67). Este grupo do abade, portanto, não aceita as conotações da revolução ockhamista e renascentista que começavam a aparecer naquela época. De outro lado está Guilherme de Baskerville e outros monges como Adelmo, Venâncio que aceitam as contribuições de Aristóteles, Platão, Tomás, mas estão alinhados com as novidades teóricas de Guilherme:

raciocinar sobre as causas e os efeitos é coisa bastante difícil, da qual acho que o único juiz possível é Deus. Nós já penamos muito estabelecendo uma relação entre um efeito tão evidente como uma árvore e o raio que a incendiou, que o remontar cadeias por vezes longuíssimas de causas e efeitos me parece tão insensato quanto querer construir uma torre que chegue ao céu (ECO 2018a, p. 67).

Nesse sentido, o assunto “bastante grave” que é a morte de Adelmo torna-se uma disputa filosófica, moral e política sobre a causa da morte. Guilherme procura desconstruir³ a ideia de que a filosofia era apenas uma *ancilla theologiae*⁴, além disso abala a harmonia entre *fides et ratio*⁵ defendida por Abbone e baseada em Tomás de Aquino, Boaventura e Escoto. Na perspectiva de Guilherme havia então uma desconformidade entre fé e razão. Guilherme demonstra que o conhecimento racional tem como ferramenta a instrução lógica, por sua vez a teologia se estabiliza na confiança da fé e nos dados da revelação: “Os artigos de fé não são princípios de demonstração nem de conclusões, e nem mesmo prováveis” (REALE, 2011, p. 299). Ocorre assim uma verdadeira separação entre fé e razão, entre misticismo e ciência. Com isso fica clara a oposição teórica tendo, de um lado Guilherme, Adelmo e outros monges como defensores da novidade e criatividade e o abade com seu grupo defensor do conservadorismo. Mas, antes de prosseguirmos vamos conhecer um pouco dos personagens envolvidos nesse primeiro embate, a saber, Guilherme, Abbone e Adelmo.

³ Apesar de estarem situados ao fim do medievo, personagens como Guilherme, Adelmo, Adso representam sujeitos com ideias da filosofia moderna e pós-moderna. Daí que a obra apresenta também esse embate entre sujeito medieval e sujeito da pós-modernidade. Para Capozzi (2001) nos últimos anos os trabalhos mais originais sobre *O nome da rosa* “são aqueles que consideram ainda que brevemente os escritos de filósofos como Wittgenstein, Foucault, Derrida e Vattimo juntamente aqueles de Peirce e Borges - pois assim se discute os pontos fulcrais da obra sobre redes, sobre a verdade, sobre linguagem e poder, sobre estrutura sem centro, sobre labirintos, sobre *pensiero debole* e sobre os elementos cognitivos da literatura” (CAPOZZI, 2001, p. 115).

⁴ Serva da teologia.

⁵ Fé e razão.

No decorrer da trama Guilherme de Baskerville⁶ aparece sempre raciocinando de forma lógica e investigativa, ele testa várias estratégias de investigação, como no caso das marcas deixadas pelo cavalo Brunello⁷ e dos vários delitos e enigmas do monastério. Dessa forma seu secretário e narrador da trama, Adso de Melk o apresenta como “um homem tão agudo, e no que dizia respeito aos fatos da natureza sabia distinguir a mínima desigualdade e o mínimo parentesco entre as coisas” (ECO, 2018a, p. 158).

Em determinado momento, ele próprio apresenta parte de sua biografia em conversa com Ubertino⁸:

[...] são passados dezoito anos. Voltei à minha terra. Estudei ainda em Oxford. Estudei a natureza [...] encontrei amigos muito sábios. Depois conheci Marsílio, atraíram-me as suas ideias sobre o império, sobre o povo, sobre uma nova lei para os reinos da terra, e assim acabei naquele grupo dos nossos confrades que estão aconselhando o imperador (ECO 2018a, p. 98).

Temos, portanto, uma trama que envolve seu personagem principal em embates, de um lado, gnosiológicos linguísticos e, de outra parte, em conflitos políticos e teológicos. O sentido da presença de Guilherme naquela abadia⁹ era ser “mediador entre a ordem franciscana e a sede pontifícia” (ECO, 2018a, p. 180). Na trama os minoritas¹⁰ estavam sendo acusados de heresia pelo papa João XXII¹¹ por defenderem a pobreza de Cristo e uma nova ordem social com a participação do povo, por sua vez, eram defendidos pelo imperador¹².

⁶ No andamento do texto apresentaremos o *étos* de alguns personagens de forma resumida para ajudar na compreensão geral da problemática deste artigo. Apresenta-se aqui a etologia como, “a ciência que estuda os caracteres humanos, costumes e comportamentos de seres vivos que habitam o mesmo ambiente. Aristóteles usa esse termo para indicar as características das personagens que povoam o texto literário” (D’ONOFRIO 2004, p. 30).

⁷ Trata-se da primeira cena do romance onde Guilherme faz uma descrição do cavalo do abade mesmo sem tê-lo visto, partindo apenas de signos deixados pelo caminho.

⁸ Ubertino di Casale foi frade franciscano em Génova, por volta do ano 1273, e do seu convento lhe enviaram a Paris, onde prosseguiu os seus estudos durante quase dez anos. Transcorrido esse tempo, voltou à Itália onde se encontrou com João de Parma, que era o superior dos franciscanos espirituais. Depois de ocupar diversos cargos, abandonou o seu posto para se dedicar à pregação por esta região, convertendo-se no líder dos espirituais da Toscana. Por causa do fanatismo do movimento, especialmente dos fraticelli foram acusados de heresias pelo papa. Anos depois, deixou a ordem e pediu permissão para se retirar em um convento beneditino. Mas, como ele seguiu com suas doutrinas, foi finalmente excomungado pelo papa João XXII. Depois disto, Ubertino fugiu, provavelmente, para a Alemanha sob a proteção de Luís IV da Baviera.

⁹ A abadia é o espaço mais amplo onde toda a trama é desenvolvida, “seja qual for o texto literário, é fundamental para captar sua significação o levantamento e análise dos elementos espaciais” (D’ONOFRIO 2004, p. 99). Ao seu interno está o complexo da biblioteca, capela, horto, pocilgas etc... que são fundamentais para a compreensão do todo da obra, isso porque “as abadias beneditinas desenvolveram um fecundo rolo cultural ao transmitir a tradição e ao produzir livros durante todo o alto medievo” (ROSSI, 1985, p. 265).

¹⁰ Segundo Eco, grupo de ramificação franciscana surgido do capítulo de Perugia que defendiam a pobreza de Cristo, às vezes confundidos com outros grupos como fraticelli que usavam da violência, vinganças e loucuras sanguíneas para atingir seus objetivos (ECO, 2018a, p. 94, 183, 260, 374-375).

¹¹ Jacques d’Euse (João XXII) foi o segundo dos papas de Avignon, período em quem a sede pontifícia por conflitos com o rei da França Felipe IV (o belo) foi estabilizada em Avignon. “João XXII, eleito papa no conclave de Carpentras em 7 de agosto de 1316 era um pontífice autoritário, concentrador de poderes e convicto da *plenitudo potestatis papae* (plenitude do poder papal). Articulou o centralismo e enrijecimento doutrinário” (CAMASTRO, 2002, p. 9).

¹² Luís IV (1282-1347), conhecido como ‘o Bávaro’, foi Imperador Romano-Germânico de 1328 até sua morte. Com “o apelo de Sachsenhausen deslegitima os poderes políticos e morais do papado de Avignon [...] considera João XXII um herético epicureu que não crê na vida futura e inverte os valores da verdade, não colocando em pratica os saberes

Apesar de ser um religioso, a personalidade de Guilherme é forjada de um forte ceticismo: “Incerto da minha verdade, mesmo se nela acredito” (ECO, 2018a, p. 240). Na sua atividade investigativa é conhecedor profundo da lógica aristotélica de dedução e indução, no entanto, procura formular hipóteses fora da lógica tradicional. Seu discípulo Adso confessa: “frequentando meu mestre, dera-me conta, e cada vez mais me dei conta nos dias que seguiram, que a lógica podia ser muito útil enquanto fosse possível entrar dentro dela e depois dela sair” (ECO, 2018a, p. 294). O modo como Guilherme utiliza a lógica é totalmente diferente de seus opositores, Abbone, Jorge e Bernardo Gui que conheceremos paulatinamente. Enquanto ele usa os instrumentos da lógica como utensílios momentâneos seus adversários a usam como regra dogmática. Apesar de ser um personagem ambientado no medievo, Guilherme raciocina com alguns pensamentos contemporâneos. A lógica vista como um instrumento de uso momentânea, uma rede, por exemplo, é ideia da filosofia de Wittgenstein (2017) onde “as diversas redes correspondem diversos sistemas de descrever o mundo” (WITTGENSTEIN, 2017, p. 123). Em sua estadia na abadia¹³ comporta-se como uma pessoa que vê o mundo e a vida como uma rede, ou uma escada incorporando ao silêncio místico do primeiro Wittgenstein, “que é místico não é como o mundo é mas que ele seja” (WITTGENSTEIN, 2017, p. 128). Guilherme vê sempre o riso, o cômico, a comédia como canal privilegiado para se comunicar a verdade, uma vez que esses canais são proibidos no monastério resta, portanto, o silêncio. De modo análogo o primeiro Wittgenstein estava certo que apenas a linguagem científica seria a mais clara e chegando ao seu limite deveria silenciar. Nesse sentido, uma das intenções do romance forjado pela intertextualidade é aquele apresentado por Lottarulo (1985) em que: “O investigador narrador e o leitor devem jogar fora a escada depois que subiram, e assim reconhecer que o sentido da narração é um sentido místico” (LOTTARULO, 1985, p. 90).

Na análise de fatos surpreendentes como a morte de Adelmo ficará claro que Guilherme assume também uma postura nominalista em vários momentos em que “as coisas não devem ser multiplicadas sem necessidade” (ECO, 2018a, p. 128). Ainda para Lattarulo (1985) “todo o romance se coloca sob o contexto da revolução filosófica constituída pelo ocamismo” (LOTTARULO, 1985, p. 91). Para Horia (1985) Eco expõe uma estrutura nominalista no romance da primeira à última página, de fato, as principais ideias nominalistas encontram-se presentes na obra; a primeira, de âmbito lógico e linguístico, “a ciência tem a ver com as proposições e seus termos, e os termos indicam coisas singulares” (HORIA, 1985, p. 119). A segunda, na esfera teológica social, “não existe leis universais pois implicaria uma ordem partindo das coisas e significaria que Deus era prisioneiro dessa ordem” (HORIA, 1985, p. 119). Diferentemente deve-se entender que Deus é totalmente livre e se não fosse o mundo teria outro aspecto. Guilherme de Baskerville é também adepto da ciência de Roger Bacon, para quem: “A nova ciência da natureza devia ser a nova grande empresa dos doutos” (ECO, 2018a, p. 238). Nos momentos de profunda angústia, sempre segundo Adso; Guilherme:

[...] estava absorto com olhar perdido no ar, como se não estivesse vendo nada
[...] tirara do hábito um raminho daquelas ervas que o vira recolher semanas antes,
e pusera-se a mastigá-las como se tirasse uma espécie de calma excitação (ECO,
2018a, p. 246).

de Cristo que não se apresentou ao mundo *in habundanciam diviciarum* (com abundancias de vícios)” (CAMASTRO, 2002, p. 9).

¹³ Vale lembrar que a abadia e a biblioteca, “[...] constituem imagens polissêmicas: são ao mesmo tempo *topoi* do imaginário literário e filosófico, metáforas epistemológicas e operadoras de símbolos” (FORCHETTI, 2013, p. 191).

Por sua vez, Abbone é o abade, chefe geral do monastério a quem todos devem obedecer. Ele acolhe Guilherme com um beijo na boca (costume da época). É o único que tem casa própria na abadia, acredita piamente que a presença do demônio ronda seu monastério, e era também “[...] homem de grande diplomacia e compostura” (ECO, 2018a, p. 70). Abbone era muito “apegado a suas relíquias” (ECO, 2018a, p. 176), e de fato Guilherme reconhece sua luxúria desde a qualidade do cavalo Brunello. Vangloriava de todas as benesses da abadia, da culinária, da biblioteca e dos tesouros; profundamente conservador só pensava em manter a honra e riqueza da abadia. Tinha muito ódio das novas cidades guiadas pelos comerciantes e clero secular, pois competiam e superavam a abadia que se afundava no atraso: “Tenho uma regra [...] hereges põem em risco o povo de Deus [...] matai-os todos. Defendo o império porque garante ordem. Combato o papa porque entrega o poder espiritual aos bispos nas cidades que se aliam aos mercadores” (ECO, 2018a, p. 187).

No monastério contava-se uma história que: “era filho natural do senhor dessas plagas, crescera na abadia de Fossanova, dizia-se que mocinho tinha assistido São Tomás” (ECO, 2018a, p. 448). Perto do final da trama Guilherme enfurecido por ter sido dispensado de investigar os crimes definiu o abade como: “bastardo de um feudatário, pavão [...] odre inchado [...] raça de soberbos” (ECO, 2018a, p. 477). Após dispensar Guilherme de sua investigação, imbuído de orgulho e querendo resolver os problemas da abadia sozinho, Abbone corre para o *finis africae*¹⁴, mas fica preso em uma engrenagem articulada por Jorge¹⁵. Ali morre sufocado e torrado. Por fim, enquanto toda abadia já ardia em chamas diz Adso sobre Abbone: “eu sabia que ele estava morto [...] murado num beco asfixiante que agora se transformava num forno, num touro de Fálaris” (ECO, 2018a, p. 513).

Dando continuidade a um contato com os principais personagens, Adelmo de Otranto era um jovem monge miniaturista de iluminuras famoso que mantinha relações amorosas com Berengário para obter segredos da biblioteca: “Fora encontrado uma manhã por um cabreiro no fundo da escarpa, dominado pelo torreão oriental do edifício [...] provavelmente teria caído [...] nas horas mais escuras da noite” (ECO, 2018a, p. 70).

Diversos religiosos do monastério tentam descrever Adelmo depois de sua morte. Apocalípticos como Ubertino di Casale dizia: “havia qualquer coisa de feminino nele, e, portanto, de diabólico [...] Tinha olhos de menina à procura de comércio com um incubo” (ECO, 2018a, p. 98). Para consultar livros proibidos do *finis africae* o ajudante bibliotecário Berengário fazia troca por afetos sexuais. Adelmo queria consultar certos livros, teve relações com Berengário, mas por forte remorso e proibições teológicas vai se confessar com Jorge, este o atormenta com palavras terríveis e os piores castigos infernais levando o jovem ao desespero e ao suicídio, atirando-se do parapeito da muralha.

Segundo o bibliotecário Malaquias, que morria de ciúmes de Berengário, Adelmo trabalhava por causa de sua tenra idade apenas nos marginálias da iluminura. Tinha uma imaginação muito viva e, “de coisas conhecidas sabia compor coisas ignotas e surpreendentes, como se fosse unir um corpo humano ao pescoço de uma égua” (ECO, 2018a, p. 113).

A morte de Adelmo desemboca e se entrelaça em outras pois ele antes de suicidar-se vai à capela em total desespero e passa o segredo proibido à Venâncio tradutor de grego, assim suspeita Guilherme: “talvez Adelmo confie a Venâncio o segredo recebido de presente (ou em pagamento)

¹⁴ Confins da África era o título do lugar ultrassecreto da biblioteca onde se escondia os manuscritos proibidos como o segundo livro da poética de Aristóteles que poderia fazer rir a verdade.

¹⁵ Monge cego que atua como guardião da biblioteca labiríntica.

de Berengário e que agora já não mais lhe importa [...]” (ECO, 2018a, p. 174); este segredo custara a vida também de Venâncio.

Para tentar descobrir o autor das mortes, Guilherme, usa a teoria da abdução analisando os fatos, a geografia e a arquitetura do lugar como também os fenômenos da natureza. Na tentativa de encontrar o autor direto ou indireto Guilherme usa todo aparato científico e lógico que está ao seu alcance, “agora, como te disse, inclino-me para uma explicação mais lógica, e no fim das contas quero respeitar os usos deste lugar” (ECO 2018a, p. 134), enquanto seu opositor Abbone permanece acreditando em causas demoníacas e ideias puramente metafísicas.

Há entre Adelmo e Guilherme muitos pontos em comum e um mesmo ideal de sujeito mais cidadão, aberto e criativo: as atitudes inovadoras de Adelmo, “tinha uma imaginação muito viva e de coisas conhecidas sabia compor coisas ignotas e surpreendentes” (ECO, 2018a, p. 113), seguem a mesma mentalidade aberta e criativa de Guilherme. Os diversos pontos de vista sobre a morte de Adelmo e críticas feitas pelos conservadores dogmáticos evidenciam pelo menos dois medievos e duas imagens de sujeito em embate constante: aquele ideal representado por Guilherme de Baskerville, Adelmo, Venâncio, Aymaro e outros dispostos a criar o novo. Aymaro, por exemplo afirma: “[...] se sabemos fazer livros, fabriquemo-los para as universidades, e ocupemo-nos do que acontece embaixo no vale [...] abramos a biblioteca aos textos em vulgar e subirão para cá também os que não escrevem mais em latim” (ECO, 2018a, p. 159). É nítida a vontade destes em acompanhar as mudanças sociais, teológicas e econômicas que circundavam a abadia, inclusive percebem que a própria língua está morrendo pois nas cidades já se escreviam nas línguas vulgares. Da outra parte há o medieval estagnado na reprodução e cópia, no dogmatismo e obscurantismo representado principalmente por Malaquias, Abbone, Jorge de Burgos e outros. Estes defendiam, como afirma Jorge, “[...] o estudo e a custódia do saber. A custódia digo, não a busca, porque é próprio do saber, coisa divina ser completo e definido desde o início, na perfeição do verbo que exprime a si mesmo” (ECO, 2018a, p. 426). O apelo destes é colocar o conhecimento como mera conservação e submissão aos dogmas intocáveis da fé. Como miniaturista iluminador Adelmo representava um espírito de rebeldia naquele ambiente conservador, um sujeito que deveria ser expulso da abadia pois possuía a arte de reproduzir figuras irônicas sobre temas polêmicos.

As investigações de Guilherme seguem uma sequência semiótica que analisa as **marcas**, **sintomas** e **indícios** da morte de Adelmo através da teoria da abdução de Peirce (1974, 2005); e da metabdução do próprio Eco. O caso de Adelmo é bastante complicado pois quando Guilherme chegou ao monastério o delito já havia acontecido e ele precisa reconstruir uma série de causas físicas ou hipotéticas no intuito de desvendar o mistério. Seguindo o relato do abade, o corpo de Adelmo:

foi encontrado numa manhã no fundo da escarpa no torreão oriental caindo da muralha nas horas mais escuras da noite. Noite de grande tempestade de neve em que soprava um vento ocidental, ele estava nas completas da noite anterior, o corpo estava dilacerado pelas rochas e sofreu ricochetes (ECO, 2018a, p.70).

A investigação semiótica de Guilherme começa apenas com fatos físicos, encontrando no primeiro momento **marcas** e **sintomas** distantes ainda da causa da morte. De qual ponto exato Adelmo teria caído da muralha? Pulou ou foi jogado pelas janelas? Por que foi sepultado em campo santo (cemitério) se era um suicida? Essas são as primeiras impressões físicas e questionamentos que Guilherme tem acesso para depois utilizar de hipóteses hipercodificadas, hipocodificadas e metabdução até chegar pelo menos a uma solução provável da causa da morte. Os elementos e marcas físicas não levam diretamente ao assassinio, Guilherme tem indícios apenas de um corpo

dilacerado e ricocheteado, elementos da natureza como neve e vento, e o sepultamento em campo santo. Mas estas são exatamente suas especialidades, “estudei ainda em Oxford. Estudei a natureza [...]” (ECO 2018a, p. 98). Para ele a natureza é vista “como um sistema de signos codificados” (ECO, 2015, p. 205). A sugestão do abade é que Adelmo foi lançado de uma das janelas, mas pela altura das janelas e como não entrou água da neve para dentro da torre durante a noite, Guilherme descarta esta possibilidade. Um suicida não poderia ser enterrado em campo santo, mas como Adelmo foi enterrado Guilherme suspeita num primeiro momento que não foi suicídio, porém depois muda de opinião pois, “quanto mais penso nisso mais me convenço que Adelmo matou-se” (ECO, 2018a, p.128).

Curiosamente em caminhada pela abadia e analisando a estrutura física do lugar Guilherme nota que: “Atrás das pocilgas a muralha era mais baixa, tanto que era possível debruçar-se nela. Além das escarpas dos muros, o terreno que degradava vertiginosamente para baixo, estava coberto de barro que a neve não conseguia esconder de todo” (ECO, 2018a, p.122).

Em conversa com Adso ele apresenta outros elementos de sua observação sobre a geografia da abadia que se conectam para esclarecer o lugar da morte e em parte sua causa. Com suas novas observações Guilherme é capaz de analisar novos modos de produção signica com suas abduções decodificantes. Consideramos que ele encontra signos do tipo sintomas, “que são uma classe de eventos físicos que remetem para classe de causas possíveis” (ECO, 2015, p. 207). Estes esclarecem o lugar da morte, a pessoa do morto, o tipo de morte, mas não a causa porque estes tipos de signos não se encaixam ainda em códigos enciclopédicos. Para isso, mais adiante Guilherme faz uso da hipocodificação e metabdução. Nessa primeira análise temos:

A - Um corpo ricocheteado e “um desmoronamento, um pedaço do terreno desmoronara rolando para baixo do torreão” (ECO, 2018a, p.128).

B - Olhando de dentro da muralha onde era baixo percebe-se que o “estrupe nos pareceu pouco coberto de neve, ou seja, apenas coberto pela a última de ontem” (ECO, 2018a, p.128).

C - Ligando a fala do abade que o copo de Adelmo estava ricocheteado Guilherme percebe que o corpo não caiu onde foi achado, até porque era um lugar que tinha pinheiros e não rochas: “As rochas ao contrário estão no ponto em que a parede da muralha termina (ECO, 2018a, p.128).

D - “Adelmo por razões a serem apuradas tenha se jogado voluntariamente do parapeito da muralha, ricocheteado nas rochas e despencado no estrume” (ECO, 2018a, p. 128). Por causa da tempestade aconteceu o desmoronamento que fez escorregar o estrume, a parte do terreno e o corpo findando no torreão oriental.

Os vários motivos que Guilherme vai acumulando e interpretando já com abduções hipercodificadas formam um texto que pelo menos identifica que foi um suicídio, “uma imagem geral coerente: uma história com um só sujeito” (ECO, 2015, p. 209). Aqui ocorre um ponto crucial pois junto ao método de abdução Guilherme recorre agora ao princípio nominalista de economia “[...] pensa se não é [...] menos dispendioso para nossa cabeça que Adelmo [...] tenha se jogado voluntariamente [...]. tudo se explica usando um número menor de causas” (ECO, 2018a, p.128). Guilherme não possui ainda nenhuma certeza sobre a causa da morte “por razões a serem apuradas ainda” (ECO, 2018a, p. 128), isso virá mais tarde quando com outros elementos do delito realiza as metabduções.

2 NOMINALISMO, SEMIÓTICA E METABDUÇÃO

Com as conclusões parciais da morte de Adelmo, Guilherme faz sua real confissão ockamista reativando o embate já iniciado com Abbone entre realismo e nominalismo. Para Pischedda (2016), por exemplo, “do nominalismo ockhamista o franciscano de Baskerville partilha muito” (PISCHEDDA, 2016, p. 79). Já, segundo Zecchine (1985), acontece uma semelhança quase perfeita entre personagem fictício ‘Baskerville’ e real ‘Ockham’: “nome, pátria, amigos, ordem religiosa, ideias políticas, referem-se à Ockham a tal ponto de haver semelhanças entre alguns textos” (ZECCHINI et al., 1985, p. 337). Nesse sentido problematizaremos uma série de textos de Baskerville que são quase uma repetição da doutrina de Ockham. Ainda segundo Rossi (1985) para quem as disputas nominalistas são temas centrais do livro:

[...] desde os primeiros capítulos nos damos conta por *signa manifesta* de nos encontramos diante de Guilherme de Ockham, *princeps nominalium* e pai do empirismo [...] sobre o nome de Guilherme de Baskerville se esconde o filósofo Ockham, figura central do século XIV (ROSSI, 1985, p. 258-259).

Em sua conclusão parcial sobre a morte de Adelmo Guilherme infere a máxima conhecida como a navalha de Ockham “não é preciso multiplicar as explicações e as causas sem que se tenha uma estrita necessidade” (ECO, 2018a, p. 128), ou nas palavras do próprio Ockham “*entia non sunt multiplicanda praeter necessitatem*”¹⁶ (REALE, 2011, p. 301). Por sua vez Peirce afirma que: “nunca existiu uma máxima lógica tão perfeita como a navalha de Ockham [...] mas, notem que aprovo a navalha de Ockham com limitações” (PEIRCE, 1974, p. 52). Por isso, as investigações de Guilherme oscilam em diversos métodos segundo a vontade do autor modelo – Eco. No entanto, os embates filosóficos como nós entendemos aqui faz parte da estratégia narrativa do autor. Sendo ele grande conhecedor da filosofia medieval estrutura sua poética com embates que perpassam os grandes problemas teológicos, políticos e sociais do século XIV. O princípio ockhamista é a base teórica da visão de sujeito defendida por Guilherme pois derruba a metafísica e a gnosiologia tradicional. A metafísica porque na renovada teologia do personagem Guilherme o que prevalece é “o único laço entre finito e infinito, constituído pelo único ato da vontade criadora de Deus” (REALE, 2011, p. 301). Isso corrói, por exemplo, a ideia de *ser como substância*, tão defendida pelos realistas, “pois só conhecemos das coisas as qualidades ou os acidentes que a experiência nos revela” (REALE, 2011, p. 301).

É liquidada ainda a ideia de *causa eficiente*, “o que é cognoscível empiricamente é a diversidade entre causa e efeito, ainda que no constante suceder-se desta aquela” (REALE, 2011, p. 301). Assim uma das linhas do projeto defendido pelo grupo progressista guiado por Guilherme consiste em defender as ideias de Ockham onde: “É possível enunciar leis que regulam o discurso dos fenômenos, mas não um pretensão vínculo metafísico” (REALE, 2011, p. 301). Por fim, todos esses elementos da filosofia nominalista apropriados pelo personagem Guilherme vão desconstruindo sistematicamente a concepção de Abbone e seu grupo e tentando implantar uma nova ideia de sujeito com características renascentistas, laicização política, religiosa, cultural e econômica.

A gnosiologia tradicional também é corroída pois a distinção entre intelecto agente e passivo torna-se supérflua, pois a filosofia de Ockham afirma “a unidade do ato cognoscível e a individualidade do intelecto que realiza” (REALE, 2011, p. 302). Naquele ambiente cultural os

¹⁶ Não se deve multiplicar os entes senão necessário.

entes e conceitos metafísicos estavam imobilizando a ciência, esta toma novas perspectivas com o ockhamismo: “Não é necessário admitir nada fora dos indivíduos [...] o conhecimento fundamental é empírico” (REALE, 2011, p. 302). Este estilo mais empirista e científica que a obra apresenta em personagens como Guilherme já é a base para os estudos de futuros cientistas como Leonardo Da Vinci e Galileu Galilei.

Uma vez que o nominalismo de Ockham prevalece como uma das conjecturas filosóficas do romance cabe agora aprofundar sobre os pontos principais desta teoria gnosiológica e semiótica percebendo a noção de sujeito que emerge desta forma de pensamento. Para Stefanelli (2019) o método nominalista consiste em afirmar que:

O conhecimento intuitivo implica uma relação imediata entre sujeito que conhece e realidade cognoscível e nega a intermediação de qualquer outra *species* baseando-se no princípio de economia [...] que consiste em acolher a realidade no seu pleno e absoluto valor de verdade (STEFANELLI, 2019, p. 29, tradução nossa).

Uma vez que a teoria nominalista perpassa toda a obra podemos partir, por exemplo, de uma análise do hexâmetro final da trama; “*stat rosa pristina nomine, nomina nuda tenemus*¹⁷”, é uma boa chave que abre a porta de acesso aos principais tópicos da filosofia nominalista. Quando o autor, por meio da intertextualidade, apresenta o personagem Guilherme de Barkerville¹⁸ como aquele que infere que *temos apenas nomes*, defende a tese nominalista sobre a qual o verdadeiro conhecimento é, segundo Parodi (1985), *não complexo e intuitivo*, prevalecendo a primazia da experiência e do individual onde os termos singulares representam coisas singulares e, “sem nenhum laço verdadeiro entre si e não ordenáveis em termos de natureza ou essência” (REALE; ANTISERI, 2011, p. 274). De fato, na obra Guilherme de Baskerville afirma que “a ciência tem a ver com as proposições e os seus termos indicam coisas individuais” (ECO, 2018a, p. 240). No caso da rosa, ela é:

Um ser concreto que se move na esfera da contingência [...] como realidade singular provoca um conhecimento singular, essa repetição de conhecimentos singulares gera no intelecto um conceito que significa uma multiplicidade de coisas semelhantes (REALE; ANTISERI 2011, p. 274).

Assim a rosa antiga está apenas no nome; não é um universal real pois no nominalismo: “o universal é apenas uma forma verbal que a mente humana estabelece relações de exclusiva dimensão lógica” (REALE; ANTISERI, 2011, p. 274). Na obra Adso observa atentamente a tendência de Baskerville pela semiologia nominalista e o desprezo pelas ideias realistas:

Outras vezes eu o tinha escutado falar com muito ceticismo das ideias universais e com grande respeito das coisas individuais: e depois me pareceu que essa tendência ele a tivesse tanto por ser britânico como por ser franciscano (ECO, 2018a, p. 66).

¹⁷ A rosa antiga está no nome, temos apenas os nomes.

¹⁸ Em alguns momentos intitulamos apenas de “Baskerville” para não confundir com Guilherme de Ockham.

Todo esse esforço nominalista era uma tentativa de eliminar uma série de conceitos supérfluos advindos da metafísica e enfatizando que o verdadeiro conhecimento é o individual e empírico, portanto, vai influenciar todo o contexto de mudança de época do século XIV, seja ele político, antropológico, religioso e científico. Obviamente a função principal do personagem Guilherme é evidenciar os limites da crítica medieval e anunciar uma boa nova filosófica renascentista para quem quiser dar ouvidos. Dessa forma, o nominalismo de Ockham é o cerne da compreensão de sujeito apresentada na obra, pois Guilherme de Baskerville é o típico sujeito citadino e de acesso à cultura do fim da idade média que vivencia já as ideias da modernidade, conhece e age como homem de ciência, mas também de uma abertura no âmbito da diversidade social e religiosa, vislumbrado um mundo de poucas certezas, uma visão de mundo rizomática¹⁹. Essa mudança de época é registrada pelas palavras do Abbade:

[...] lá embaixo, nos grandes centros habitados, onde o espírito da santidade não pode ter um abrigo, não só estão falando (pois dos leigos não pode exigir mais), mas até escrevendo em vulgar, e que nunca um desses volumes possa adentrar nossos muros – tão fatalmente se torna incentivo a heresia! (ECO, 2018a, p. 74).

Para Stefanelli (2019) no nominalismo a realidade é acolhida em si sem apelo à teoria do universal que não é real e não serve como modelo gnosiológico. O conhecimento tem como meio apenas a realidade mental que é o ato do próprio intelecto do qual dependem os conceitos que emergem das experiências. É da coisa que deriva o conceito, pois apenas a coisa só produz na nossa mente o sinal que representa.

Seguindo o que já foi apresentado percebe-se que alguns dos pontos centrais da filosofia nominalista que emergem na obra são os conceitos de *singularidade* e de *intuição*, que pertencem a todo ato de conhecimento. Para Pischedda (2016) no nominalismo a concepção de ciência rejeita as realidades universais, seu foco de análise são as coisas reais em seus fatos singulares e corresponde às singularidades dos termos, que são signos para representar as coisas. De fato, no desenrolar da narrativa percebe-se uma tendência de nosso personagem fictício pela clareza do conhecimento experimental: “Meu bom Adso [...] O universo é ainda mais loquaz [...] e não só fala das coisas derradeiras [...], mas também daquelas próximas, e nisto é claríssimo” (ECO, 2018a, p. 62). Esta nova ciência Guilherme a apresenta como entendia Bacon “ele achava que a nova ciência da natureza devia ser a nova grande empresa dos doutos para coordenar [...]” (ECO, 2018a, p. 238).

Por continuidade, no nominalismo a única coisa que pode ser verdadeiramente conhecida são as proposições e não as coisas que estão fora do pensamento. Esse é o comportamento terminístico que Guilherme de Baskerville adere: “a ciência tem a ver com as proposições e os seus termos, e seus termos indicam coisas singulares” (ECO, 2018a, p. 240). Fica, portanto, inacessível uma relação entre esquema lógico mental com o mundo real. Segundo Zecchini (1985) no âmbito do nominalismo, a lógica serve como um mecanismo regulador de conteúdos mentais que estão

¹⁹ Na teoria literária de Eco este conceito significa um pensamento em rede diferente do pensamento bitolado que prevalecia no monastério. É utilizado principalmente para explicar os diversos tipos de labirintos. O labirinto da abadia era maneirista, mas Guilherme já raciocina de forma rizomática. O conceito é usado por Deleuze e Guattari que assim o definem: “Num rizoma [...] cada traço não remete necessariamente a um traço linguístico: cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas, etc., colocando em jogo não somente regimes de signos diferentes, mas também estatutos de estados de coisas” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 14). É nesse sentido que abra através de enxertos da pós-modernidade vai construindo um complexo embate com o medievo pois Guilherme sedimenta um renascimento com várias ideias da filosofia contemporânea.

para outros conteúdos mentais, distinta das ciências reais. Nos discursos de Guilherme a lógica é apenas um instrumento analítico para ser usado e jogado fora de acordo com as circunstâncias e as finalidades da pesquisa. Nesse sentido, ele apresenta as teorias de outro filósofo contemporâneo, ou seja, Wittgenstein que afirma, “é preciso por assim dizer jogar fora a escada depois de ter subido por ela” (WITTGENSTEIN, 2017, p. 129). Os monges tradicionalistas acomodavam-se em sistemas filosóficos que pretendiam ser completos e dar respostas para cada problema da vida, como os sistemas, platônicos, aristotélicos, agostinianos e tomistas, Guilherme quer mostrar que a crença em grandes narrativas²⁰ leva à castração intelectual e ao fanatismo na política e religião. Guilherme expressa nesse sentido o conceito de Vatitimo sobre *pensiero debole*²¹ que, “é um tipo de pensamento que refuta as categorias fortes e onicompreensivas [...] renuncia a uma fundação única, última e normativa” (FORNERO, Giovanni; TASSIANARI, 2002, p. 1206). Percebendo o jeito novo de racionar de Guilherme, Adso registra um pouco perplexo: “[...] sempre acreditara que a lógica fosse uma arma universal, e percebia agora como sua validade dependia do modo como era usada [...]” (ECO, 2018a, p. 294).

No romance inúmeras são as declarações do protagonista que ratificam uma ideia puramente instrumental da lógica e, portanto, uma impossibilidade de estabelecer uma relação necessária entre esquema lógico mental e o mundo real. Nesse sentido, se o único autêntico conhecimento, ou o princípio primeiro sobre o qual todo conhecimento se funda é a intuição imediata de um ente por parte do sujeito, conclui-se que a intuição, e apenas ela, garante-nos relações seguras com a realidade: “repara, estou falando de proposições sobre as coisas, não das coisas” (ECO, 2018a, p. 240).

3 O EMBATE FÉ E RAZÃO E METAMORFOSE DA NOÇÃO DE SUJEITO

O embate realismo *versus* nominalismo desemboca em outro conflito do fim do período medieval, a relação fé e razão. Este é um período de transição, fim da escolástica e início dos ideais renascentistas onde os confrontos entre universais e nominalismo atingem o seu auge. Nesse sentido, o nominalismo de Ockham leva à solução de um problema prático que é a separação entre fé e razão principalmente no âmbito antropológico e político. Para ele:

[...] os artigos de fé [...], já que parecem falsos para todos, ou para maioria ou para os sábios, entendendo por sábios os que se entregam à razão natural, já que só de tal modo se entende o sábio na ciência e na filosofia (REALE; ANTISERI, 2011, p. 299).

Fica clara também a preferência de Guilherme sempre pelas teorias da nova ciência nascente de Roger Bacon, como ainda sua tendência em defender as novas ideias políticas de Marsílio de Padova, “ideias sobre o império, sobre o povo, sobre uma nova lei para os reinos da

²⁰ A termo grandes narrativas é entendido aqui na perspectiva crítica elaborada por Lyotard, “a peculiaridade destas grandes narrações [...] seria aquela de fornecer uma legitimação do pensamento e do agir em termos de progresso e de emancipação” (FORNERO, Giovanni; TASSIANARI, 2002, p. 1201). Esse seria o caso do iluminismo e do idealismo. Em *O nome da rosa*, Guilherme desmonta as grandes narrativas não porque elas tenham qualquer ideia de progresso, mas porque estão em estado de conservadorismo e dogmatismo.

²¹ Numa tradução direta “pensamento fraco”, mas não no sentido de menos importante. *Pensiero debole* pode ser entendido também como pós-metafísico.

terra” (ECO, 2018a, p. 98), onde pedia “a soberania para o povo” (ECO, 2018a, p. 188). O novo sujeito idealizado por Guilherme é em quase tudo diferente do estilo de vida defendido por Abbone. Este novo sujeito reconhece a separação fé e razão, acolhe os comportamentos das novas cidades nascentes é defensor de uma nova ordem social, teológica e política.

Consequentemente à relação fé e razão surge na filosofia nominalista o problema da causalidade que implica diretamente no problema da onipotência de Deus. Na perspectiva de Pischedda (2016), o cerne da problemática é que quando se adere a uma lei de causalidade, significaria condicionar de certo modo a infinita prerrogativa divina. Em confronto à teoria vigente da época, no nominalismo, Deus age segundo suas próprias leis e em sua onipotência pode a qualquer momento suspender sua eficácia, reduzindo a contingência não contraditória tudo que existe. Guilherme de Baskerville enfatiza bastante essa reflexão metafísica:

Entende, Adso, eu devo acreditar que a minha proposição funcione, porque aprendi com base na experiência, mas para acreditar deveria supor que nela existem leis universais, e uma ordem dada para as coisas, implicaria que Deus fosse prisioneiro delas enquanto Deus é coisa tão absolutamente livre que, se quisesse, e por um só ato de vontade o mundo seria diferente (ECO, 2018a, p. 240).

Nesta perspectiva pode-se inferir que sobre Deus e o mundo sensível não podemos realizar nenhuma experiência direta, portanto, não podem ser conhecidos pelo método científico. Nesse sentido, ao final da obra Adso torna-se um sujeito místico e incrédulo, portanto, o nominalismo leva-o para uma forma de ateísmo místico: “não resta senão calar [...] Gott ist ein lautes Nichts, ihr ruhrt kein Nun noch Hier²²” (ECO, 2018a, p. 527). Para Ockham (1989) a tentativa de penetrar a verdade cristã por meio das ideias platônicas ou o esforço tomista de atingir tais verdades com subsídios aristotélicos não passam de uma falácia. Fé cristã e método filosófico devem ser entendidos de forma distinta e autônoma.

Tanto para o próprio Ockham como para o personagem fictício Guilherme não há uma necessidade lógica nas normas e nos princípios que governam este mundo, pois isso condicionaria a infinita potência divina. Segundo Zecchini (1985) na visão de mundo nominalista Deus pode agir segundo leis ordenadas e instituídas por ele mesmo. Mas a onipotência divina pode agir e intervir também suspendendo a eficácia de tais leis, e neste caso a sua potência absoluta.

Apesar das inúmeras similitudes entre o personagem criado por Eco e o filósofo Ockham percebe-se que não há apenas semelhanças entre os dois. É possível encontrarmos pontos de rupturas. Para Zecchini (1985) sobre as mesmas problemáticas, Ockham e Baskerville apresentam algumas respostas diferentes. Por exemplo, quando Baskerville lamenta-se que, “é difícil aceitar a ideia de que não pode haver ordem no universo, porque ofenderia a livre vontade de Deus e sua onipotência” (ECO, 2018a, p. 519). Aqui ele exemplifica os limites e distanciamentos entre a mentalidade medieval de Ockham, que permanece em muitos aspectos no âmbito teológico, e as concepções de Baskerville que apesar de estar no medievo é um personagem que carrega as características de filósofos da modernidade e pós-modernidade.

No caso do racionalista Guilherme de Baskerville o percurso especulativo apresentado na obra o constringe a negar uma ordem, uma necessidade, e causalidade na existência do universo e do homem levando-o a um profundo e insuperável condicionamento em direção ao niilismo: “Comportei-me como um obstinado, seguindo um simulacro de ordem, quando devia bem saber

²² Deus é um grande nada, ninguém o percebe por aqui.

que não há uma ordem no universo” (ECO, 2018a, p. 519). O seu percurso gnosiológico nasce e se resolve no humano, no individual sem apelo ao metafísico e teológico. Não há espaço para fé, mas apenas procura por relações necessárias, regras de correspondências, relações por causa e efeito. De fato, Baskerville termina fazendo suas descobertas por puro acaso devido aos erros de percurso e à ambiguidade entre signo e significado, exemplificado principalmente pelo o engano de seguir o esquema apocalíptico: “Não havia uma trama [...] e eu a descobri por engano” (ECO, 2018a, p. 518). Ele próprio vai reinventando seu modo de interpretar o mundo e os signos pois detecta uma falta de ordem necessária nos acontecimentos e por tudo isso Guilherme encontra-se privado de qualquer certeza, sofre e é despaisado²³:

Não te compreendo, disse Jorge. Estás orgulhoso por me mostrares como, seguindo a tua razão, chegaste até mim e, no entanto, estas me demonstrando que chegaste aqui seguindo um raciocínio errado. O que pretendes dizer? [...] Estou desconcertado, eis tudo (ECO, 2018a, p. 498).

Em sua teoria, Ockham evita a necessidade de um conhecimento absoluto para exaltar a onipotência divina que tudo em si compreende e justifica. A sua filosofia gnosiológica ao contrário de Baskerville tem origem e significado somente no âmbito teológico. A ideia de um conhecimento certo e absoluto não é causa de crise filosófica na existência humana para o contexto social de Ockham. Sua filosofia realiza a separação entre fé e razão porque são dois campos inconciliáveis de especulação; mas prevalecem as vantagens para a teologia. Dessa forma, a ideia de que “a liberdade de Deus é nossa condenação, ou pelo menos a condenação de nossa soberba” (ECO, 2018a, p. 519), tem sentido apenas para Baskerville. Ele, ainda segundo Zecchini (1985), em sua latente rebelião possui uma profunda preocupação humana pois vive um homem já projetado fora do mundo medieval.

No sentido mais social e de busca pela verdade, Guilherme de Baskerville desempenha uma função de antagonista contra fanáticos e oportunistas e tudo isso acontece em um complexo jogo de poder, signo, política e religião. Pode ser entendido ainda como exemplo de honestidade intelectual “movido que estava pelo desejo único da verdade” (ECO, 2018a, p. 52). Ele representa um sujeito em que o ocultamento do conhecimento, a manipulação da verdade realizados por alguns monges são consideradas uma manifestação de corrupção pois é convencido de que o crescimento do conhecimento pode melhorar o destino da humanidade.

A filosofia nominalista não era apenas uma especulação sobre problemas abstratos; estava em jogo antes de mais nada uma nova noção de sujeito. Para Rossi (1985) os calorosos debates em *O nome da Rosa* não eram vãs polêmicas, pois suas formulações influenciavam diretamente a relação do sujeito com Deus, com o outro e com o poder. Apesar de que o personagem principal do romance incorpore as ideias de Ockham, sua experiência como sujeito do fim do medievo apresenta algumas diferenças à filosofia de seu mestre. Na concepção de Pischedda (2016), a experiência de Guilherme de Baskerville aparece por demais humana sem apelos ao dogmatismo da fé, quanto mais ele tenta desvendar os mistérios das mortes mais aumenta seu fardo de incertezas. Colocado em dúvidas as relações de causalidade, falido o convencimento de uma ordem certa e empiricamente indagável do universo, ele torna-se um sujeito que parece encontrar-se abandonado de qualquer energia construtiva e de qualquer importante orientação teológica e

²³ Despaimento ou *Dépaysement* pode ser entendido com um estado de espírito que as pessoas sentem fora de suas zonas de conforto, país, cidade, casa, ou seja, o impacto que se sente quando mudamos de hábitos e ambiente. Guilherme e Adso vivem este estado de despaimento físico e psicológico.

científica. Surge então a figura de um sujeito laico e angustiado que flerta com a angústia do sujeito da pós-modernidade. Vejamos o último diálogo enquanto a abadia arde em fogo:

É difícil aceitar a ideia de que não pode haver ordem no universo, porque ofenderia a livre vontade de Deus e sua onipotência. Assim a liberdade de Deus é a nossa condenação, ou pelo menos, a condenação de nossa soberba. [...] Mas como pode existir um ser necessário totalmente entretido de possível? Que diferença há então entre Deus e o caos primogênito? Afirmar a absoluta onipotência de Deus e sua absoluta disponibilidade a respeito de suas próprias escolhas não equivale a demonstrar que Deus não existe? (ECO, 2018a, p. 519-520).

Guilherme encontra-se, portanto, como um sujeito diante de uma crise existencial sem precedentes, e com seus tormentos psicológicos, existenciais e teóricos tenta responder Adso efetivando uma outra pergunta de forma misteriosa. De sua parte, Adso, que tenta apreender a semiótica de seu mestre e permanece em dificuldades para encontrar os significados dos eventos dramáticos, responde:

Não compreendi o sentido de tuas palavras: pretendias dizer, perguntei, que não haveria mais saber possível e comunicável, se faltasse o próprio critério de verdade, ou então que não poderíeis mais comunicar aquilo que sabeis porque os outros não vô-lo consentiram? (ECO, 2018a, p. 520).

Diante de tal oposição pode-se dizer que Eco apresenta uma imagem extrema de dois medievos que se digladiam, se entrelaçam e se distinguem em contexto de mudança de época, um mundo de apocalípticos e integrados. Por um lado, uma idade média com diversos pontos negativos tais quais: o visionarismo místico dos mosteiros de Bernardo de Chiaravalle e Meister Eckhart; a teocracia do clero, as doutrinas da inquisição, o fanatismo das heresias; esses elementos estão representados por personagens como Jorge e Bernardo Gui. Já do ponto de vista das revoluções teológicas e sociais encontramos Frade Dolcino e seus seguidores. Por outro lado, encontra-se um medieval por demais aberto à modernidade, cultivador da ciência e revolucionário na organização social tendo a figura do mestre vidreiro Nicola, do herborista Severino e de Guilherme como representantes no romance. Em conversa com o herborista do mosteiro o texto deixa claro várias ideias que se casam com a mentalidade científica e não com o dogmatismo místico religioso:

[...] sabes quanto a nossa ordem tem desenvolvido a pesquisa sobre as coisas divinas e sobre as coisas humanas. [...] a abadia é antes de tudo uma comunidade de estudiosos. [...] eu não passo o dia todo no *scriptorium*, mas no meu laboratório [...] (ECO, 2018a, p. 105-106).

Neste sentido, Eco pretende revisitar a Idade Média enfatizando seus aspectos importantes, esta deve ser resgatada em seus pontos positivos, momento do surgimento de novas formas de conhecimento e inovações científicas como também renovações políticas elaboradas por Marsílio de Padova e os franciscanos de Oxford. É neste sentido que entre Bacon e Ockham encontra-se

“uma teoria desenvolvida dos signos” (ECO, 2018a, p. 538); uma semiótica depois desenvolvida a partir do século XIX.

Do ponto de vista da análise crítica do texto literário, a pergunta que se faz é se essa simbiose entre medievo e pós-modernidade não resulta em uma aporia. Isso não significaria forçar demais uma criação que mescla um medievo tradicional e conservador com um medievo intelectualmente dinâmico e fértil de sugestões modernas? Não era possível um sujeito como Guilherme viver naquele contexto medieval porque suas concepções são de autores de outras épocas, no entanto, essa é genialidade de Eco que através desse personagem problematiza os diversos aspectos do mundo medieval. Nesse sentido, a continuidade histórica está em risco pois faltam aspectos intermediários de grande relevância para harmonizar os dois sujeitos em um único personagem. Como harmonizar o humanismo laico de Guilherme com um estilo de vida religioso medieval? Estamos diante de um texto literário onde tudo pode ser compreendido pelo caráter emblemático e não analítico como o romance encara a história. Eco tenta dar suas razões quando explicita o processo de criação do texto:

[...] eu certamente queria escrever um romance histórico, e não porque Ubertino ou Michele tivessem realmente existido e dissessem mais ou menos aquilo que realmente haviam dito, mas porque tudo o que diziam os personagens fictícios como Guilherme deveria ter sido tido naquela época (ECO, 2018a, p. 558).

Esse posicionamento de Eco serve para legitimar a credibilidade e as fontes usadas no todo da obra. É realmente uma volta ao passado de forma não ingênua e criativa, forma que só é possível pela forte intertextualidade e pela estrutura aberta da obra:

Creio que um romance histórico tem que fazer isto também; não somente descobrir no passado as causas do que aconteceria depois, mas também desenhar o processo graças ao qual aquelas coisas foram lentamente produzindo seus efeitos. Se um personagem meu, ao comparar duas ideias medievais, retira uma terceira moderna, ele fez exatamente aquilo que a cultura fez depois [...] (ECO, 2018a, p. 559).

Por fim, concluímos com Pischedda (2016), percebendo que uma espécie de anacronismo ronda o todo da obra. O personagem de Guilherme é como alguém que casa com uma cultura de outra época. Prevalece a figura de um sujeito incompreendido no seu tempo, falido como mestre pois carrega consigo um saber e curiosidade não apreciados por muitos de seus contemporâneos; termina, portanto, condenado à marginalidade e humilhação: “[...] estou preso entre duas forças contrastantes como um asno que não sabe de qual dos dois sacos de feno comer. É que os tempos não são maduros” (ECO, 2018a, p. 375).

Os efeitos do sujeito falido de Guilherme não ficam estagnados apenas no fim da idade média. Ele reflete também a figura de um sujeito de uma modernidade derrotada e não vencedora. De fato, Guilherme em sua versão moderna, advertindo o cientificismo predador e o antropocentrismo, declara: “nem sempre os segredos da ciência devem andar nas mãos de todos, que alguns poderiam usá-los para maus propósitos” (ECO, 2018a, p. 125). Portanto, ao confrontar os sujeitos medieval e pós-moderno como representado na obra emerge alguns traços de semelhanças como a angústia, o despaisamento, o niilismo e a impotência.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Tomás de. **Suma contra os gentios**. v. I. São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica**. Parte I. 4ª ed. Madrid: BAC, 2001.
- ARISTÓTELES. **Metafísica**. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2006.
- CAMASTRO, Francesco. “Saggio introdutório. Chiesa, societa e stato: la lesione filosófico-politica di Guglielmo D`Ockham”. *In*: OCKHAM, Guglielmo. **Il filosofo e la politica**. Milano: Bompiani, 2002.
- CAPOZZI, Rocco, **Lettura, interpretazione e intertestualità: esercizi di commento a *l nome della rosa***. Perugia: Guerra edizioni, 2001.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol.1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. (Coleção TRANS).
- D`ONOFRIO, Salvatore. **Teoria do texto um: prolegômenos e teoria da narrativa**. São Paulo: Ática, 2004.
- ECO, Umberto. **Os limites da interpretação**. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- ECO, Umberto. **O nome da rosa**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2018a.
- FORNERO, Giovanni; TASSIANARI, Salvatore. **Le filosofie del novecento**. Milano: Mondadori, 2002.
- GILSON, Étienne. **O espírito da filosofia medieval**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- HORIA. “Politeísmo del nome dela rosa”. *In*: GEOVANNOLI, Renato *et al.* **Saggi sui l nome della rosa**. Milão: Bompiani, 1985, p. 118-122.
- LATTARULO, Leonardo di. “Politeísmo del nome dela rosa”. *In*: GEOVANNOLI, Renato *et al.* **Saggi su Il nome della rosa**. Milão: Bompiani, 1985, p. 118-122.
- OCKHAM, Guglielmo. **Il filosofo e la politica**. Milano: Bompiani, 2002.
- OCKHAM, William of. **Seleção de Obras**. São Paulo: Nova Cultura, 1989.
- PARODI, Massimo di. Silêncio e riso. *In*: GEOVANNOLI, Renato *et al.* **Saggi sui l nome della rosa**. Milão: Bompiani, 1985, p, 56-64.
- PEIRCE, Sanders. Charles. **Escritos Coligidos**. São Paulo: Abril, 1974.
- PEIRCE, Sanders. Charles. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- PISCHEDDA, Bruno. **Eco: guida al nome della rosa**. Roma: Caricci editore, 2016.

Semiótica, delitos e política: confronto entre realistas e nominalistas na obra *O nome da rosa* de Umberto Eco
SILVA, Cristiano Dias da

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**: patrística e escolástica. 4ª ed. São Paulo: Paulus, 2011, Vol.2.

ROSSI, di Nunzia. Um libro Proibito. In: GEOVANNOLI, Renato *et al.* **Saggi sui l nome della rosa**. Milão: Bompiani, 1985, p, 255-282.

STEFANELLI, Ruggiero. Il nome della rosa tra metodo e metáfora. *In*: ALTAMURA, Gianpaolo et al. **Umberto Eco il giocoliere dell'intelligenza. L'umorista, il filosofo, il narratore**. Quaderni di Scienza della Comunicazione, Università degli studi di Bari Aldo Moro: Bari, p. 22- 31, 2019.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-Philosophicus**. São Paulo: Edrusp, 2017.

ZECCHINI, di Giuseppe. “Il medioove de Umberto Eco”. *In*: GEOVANNOLI, Renato *et al.* **Saggi sui l nome della rosa**. Milão: Bompiani, 1985, p, 322-369.